

# Capoeira: cidadania e educação

**Sergio da Costa Borba** \*

**Marco Antonio Santos da Silva** \*\*

Ninguém é cidadão sozinho. Da mesma forma não se aprende capoeira sozinho. Aprendemos a ser cidadãos no coletivo. Nesse sentido a capoeira enquanto espaço intercultural, esportivo-formativo, desenvolve através de seus fundamentos:

- o respeito a quem tem mais conhecimento;
- a disponibilidade a dar e receber;
- a ajuda mútua para que algo aconteça, para que o jogo aconteça (jogo da roda e jogo da vida).
- o respeito à pessoa humana, com acertos e erros;
- a noção de, e o aceitar, seus limites;
- a busca constante por melhores resultados coletivos;
- a idéia de liberdade;
- a responsabilidade;
- conhecimento, a partir de conceitos e experiências, do que se faz;
- necessidade de conhecer as etapas de seu crescimento pessoal;
- o conhecimento de sua história, suas origens;
- o aprender a se relacionar com pessoas diferentes;
- o respeito pela diferença.

Os princípios de formação cidadã baseiam-se no bem estar geral, no conhecimento dos nossos direitos e deveres e também dos outros. “Os meus direitos terminam, onde os dos outros começam”. A educação formal baseia-se na moral e na ética cívica para formar os componentes da nossa sociedade, nessa educação também está contida a cultura que, no nosso caso, mexe com as nossas raízes e identidade. Tendo a cultura como elemento catalisador na educação<sup>1</sup>, encontramos a capoeira como arte e cultura de formação educacional própria, que dialoga como espaço alternativo através dos seus fundamentos na formação do cidadão o qual contribui para o bem estar social. Estamos neste caso falando basicamente da formação do capoeirista desde os primeiros passos até a formação aprofundada, a partir da qual ele será responsável pelo efeito multiplicador desta arte.

A capoeira, historicamente, é o resultado da busca por liberdade e igualdade entre os negros aqui escravizados e os “donos” da terra colonizada. Sua expressão foi codificada no corpo do homem, suas palavras através de cantos e ladainhas, seu ritual mistura vontades, conceitos e devoção religiosa. Daí vieram os seus fundamentos. Na busca incessante de uma maior organização, a capoeira se fez valer em suas rodas e lições: “O capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário: finge que se retira e volta rapidamente; pula para um lado e para o outro; deita-se e levanta-se; avança e recua; gira para todos os lados e se contorce numa ginga maliciosa e desconcertante.” (Mestre Pastinha).<sup>2</sup>

Por isso, a capoeira é um espaço de formação por excelência. Nela apreendemos, de forma vivida, nos treinos e na roda, a complexidade da vida. Trata-se de um jogo, portanto espaço do lúdico, em que a inteligência é exigida e tralhada o tempo todo. O outro é parceiro e ao mesmo tempo adversário. Eu jogo meu jogo e o outro busca desjogar, com artes e manhas, aquilo que estou jogando e isso dentro de uma ética do respeito à integridade própria e do outro. Aqui temos, no dizer de Edgar Morin, a vida enquanto espaço de astúcia, de inteligência e de complexidade; e no dizer de Jacques Ardoino a vida enquanto negatricidade. O prefixo “nega” de negar e a raiz “trici” de, por exemplo, motricidade, significam “negar em movimento” e a isso chamamos de negatricidade. Dessa forma a capoeira exercita nossos neurônios, nosso corpo e dá um sentido mais arguto<sup>3</sup>, mais humano à vida.

Ocupando na sociedade, cada vez mais, seu espaço de direito, a capoeira reúne adeptos em formações associativas, grupos e federação. Educando desenvolvendo habilidades, pela cultura e resgate de identidade. Os espaços ocupados resumem-se em escolas, centros sociais, clubes e outros ligados a cultura afro-brasileira. São neles que vamos encontrar o desportista, o ator, o músico, o atleta, o compositor, identificado através da capoeira.

Vejamos a visão e concepção de alguns capoeiristas de Maceió. Segundo o professor Denis: “a capoeira é um ponto de encontro, confraternização entre pessoas, onde há uma clara oportunidade de aprendizado”. Ele fala sobre aprender como ser aceito, como entender as pessoas, ser respeitado e considerado como parte de um movimento social que prega algo muito valioso: a oportunidade de participação e

contribuição. Para o professor de capoeira Devagar: “o desenvolvimento da cultura é um resgate de algo esquecido, modificado e pouco valorizado pelas instituições responsáveis por este trabalho”. A cultura é algo reconhecido como necessário para que não sejam esquecidas as nossas raízes e o saber quem somos e de onde viemos para daí ficar claro nossos direitos e deveres. A capoeira vista como parte da nossa cultura resgata, sim, toda a história de uma das raças formadoras da nossa sociedade. Mestre Diamante nos disse: “para que as pessoas saibam que existe capoeira em Maceió, aprendam a malandragem, não a má malandragem, mas aquela que aguça seus instintos e faz da observação o ponto forte para se perceber as coisas antes de acontecer. Sentir o perigo sem perceber os movimentos”.

A capoeira, da forma como ocorre, parece trazer em suas bases filosóficas o poder de transcendência<sup>4</sup>, onde os sentidos são desenvolvidos e fica possível transformar o “mal” em “bem” que compra e desenvolve a tolerância, uma das molas mestras para o bem viver social.

“A capoeira serve até para teimar, criar uma bandeira de resistência” (Devagar). Uma identificação e uma crença, uma marca ideológica pura, que se demonstra na irreverência, algo para defender, brigar pelos menos favorecidos socialmente, contra um poder já instituído. A defesa pelo que se acredita também é um alicerce de formação da identidade do capoeirista.

“Eu era menino de rua, com a capoeira fui transformado. A capoeira me ensinou a usar a minha energia de outra forma. Você não precisa ser mau para todo mundo” (Diamante). A dimensão do comportamento do homem ainda não foi totalmente decifrada, mas há, na prática da capoeira, uma possibilidade de transformação que parece encaixar, de forma lúdica e educativa, em lacunas deixadas por traumas ocorridos na vida, onde a reparação, a re-educação se mostram através da conduta pacífica no meio social.

“A capoeira, no mundo de hoje, em que tudo acontece, é diversão por diversão. Não gosto da capoeira como esporte. Dá medo. Parece que alguém quer colocar regra. A regra quem dá é o momento” (Denis). Vimos, desta forma, a expressão maior da liberdade. Porém, com responsabilidade, as ações humanas são algumas vezes instintivas, mas mesmo esta, aprende-se com a capoeira, tem o seu lugar.

“Eu não conheço a capoeira como esporte. Não tem regra. É um meio de vida no que diz respeito a viver” (Denis). Educar para o trabalho: uma proposta que abrange a formação e o despertar de talentos de capoeiristas para música, instrumentos, formação artística, condução social que, após sua formação, servirá de fonte de renda para o praticante, mesmo que não seja diretamente ligada a capoeira.

“Usar a capoeira na periferia com os meninos de rua, educando-os, disciplinando-os, e, neste tempo, ocupando o tempo deles, evitando que fiquem na rua e terminem sendo marginalizados e marginais” (Devagar). O disciplinar na capoeira surge muito da compreensão do novo universo de oportunidade que é mostrado. O professor é o espelho do que pode ser feito, de “quem poderei ser ou fazer”, e a capoeira é o melhor lugar de formação para ocupar o tempo disponível dos indivíduos que vivem à margem da sociedade.

“Ser conhecido, é uma maneira de abrir portas. A capoeira é aditivo a uma iniciação social” (Diamante). Neste aspecto, fazer parte da capoeira, praticá-la, torna-se uma “entidade” (instituição) não instituída, que dá imunidade para o cidadão, o transitar em diversos meios, sem ser incomodado, sendo respeitado e até mesmo protegido, garantindo a liberdade, que, no contexto social, deveria ser direito de todos. Então, nesta lógica, também na capoeira se forma uma sociedade alternativa, não percebida, onde há uma garantia do direito de ‘ir e vir’ e a segurança que imaginamos ter no nosso meio social.

“Quem entra na capoeira não esquece. Ela marca” (Denis). Como é inevitável, há uma mudança comportamental profunda de quem se habilita à prática da capoeira. Isso se dá pelos fatores transcendentais que esta arte nos revela. Temos, na capoeira, a elaboração das implicações nos seus três níveis: psico-afetivos, estruturais-profissionais e histórico-existenciais<sup>5</sup>. A implicação é aquilo que nos envolve, nos seduz. No percurso da formação de um capoeirista esses níveis vão sendo trabalhados, elaborados e o indivíduo aos poucos aprende a se auto-observar no jogo das interações.

“A capoeira também aliena, mas traz a oportunidade de conhecer as pessoas. Crescer com elas, muitas vezes, pode nos fazer mudar de vida” (Denis). O espaço coletivo como local de troca de conhecimento e ajuda mútua para os seus participantes. “A vida de capoeirista abre portas para um outro mundo” (Diamante). Capoeira como somaterapia, viver o estado físico e espiritual em movimentos, ações e reações.

O professor de capoeira Russo (Adail Alves Saldanha) nos falou que a capoeira na sua vida foi uma luz. Através dela ele ampliou seu círculo de amigos e conseguiu novas amizades. E disse ao Marcos Baiano que a capoeira, se fosse comparada ao ensino regular equivaleria ao ensino fundamental, médio e graduação. A capoeira, interfere enquanto educação na vida do praticante em casa, na escola e no meio social, serve como intermediária entre as relações, completando o que falta; dá-nos a oportunidade de sabermos que todos nós somos responsáveis pelos outros. E o resultado maior depende do desenvolvimento de todos. E quando fazemos apresentações, espetáculos de capoeira, isso nos traz uma alegria muito grande e é uma bandeira para mostrarmos ao mundo que temos orgulho de nossas raízes. Mexer positivamente com as emoções dos outros é muito bom! A capoeira oportuniza uma viagem para dentro de si, descobrir coisas boas na gente para podermos entender porque somos humanos. Para se praticar a capoeira você primeiro precisa entendê-la, para depois usá-la; não dá para misturar os sentimentos. Para o professor é importante dar atenção a esse detalhe: intervir a cada momento do processo de aprendizagem. A capoeira ajuda a quem sabe e a quem não sabe. Até onde a gente sabe? A capoeira ensina todo dia e toda hora.

“A prática da capoeira nos ensina que ela traz e leva, o resultado das nossas ações já é esperado, mas nem sempre vem como nós imaginamos. Durante toda prática há uma montagem de um teatro, em que a peça é montada passo a passo”. A vida não é estável, os imprevistos acontecem, ninguém quer errar, mas não dependem de nós todos os resultados, nosso comportamento e dos outros, deve ser previsto, pois vivemos em um meio social com uma série de regras. A capoeira é o teatro da vida em um jogo, simulações, tentativas, acertos e erros, mil e uma maneiras de aprender a levantar-se e

aceitar ou não a “queda”, tudo isto cabe, serve, para nos ensinar uma maneira melhor de viver” (Contra-mestre, Marco Baiano).

O resgate da cultura é fundamental em qualquer lugar. Resgatar e valorizar, dar valor, à sua cultura, suas origens, é, sobretudo no Brasil atual, uma necessidade premente. Através da capoeira, ao resgatarmos nossas origens; povo mestiço<sup>6</sup>, por excelência, que somos, valoramos a nós mesmos (criamos um sentido de ser) e nesse valorar passamos a significar de forma admirativa. Admirar significa ‘olhar de uma certa distância’. Assim ao admirar o outro se questiona: o que é isso que eu olho ou quem é esse que eu olho? E o que é olhar? Como o olhar de alguém está trabalhado, elaborado, construído? E a capoeira constrói esse olhar complexo através da música, da dança, da ética criativa, da solidariedade e do estudo das nossas raízes.

Na sua prática filosófica<sup>7</sup> a capoeira identifica e forma o cidadão através dos seus princípios, a roda um local democrático, nela destacam-se o cantor, o público em geral, os jogadores, não necessariamente precisam ser bons de capoeira para participar da roda, nem tão pouco se discrimina gênero, classe social, raça ou religiosidade, isso afirma neste espaço a igualdade entre as pessoas, basta ser capoeirista, sentir correr no sangue a expressão da arte afro-brasileira. “Capoeira é para homem, menino e mulher” (Mestre Pastinha)<sup>8</sup>.

O praticante de capoeira encanta-se com tantas possibilidades ao seu alcance de crescimento individual e coletivo. Para que se mantenha o axé (energia positiva que envolve a dinâmica da roda) todos precisam participar respondendo em coro, batendo palmas, tocando instrumentos (Berimbau, pandeiro, reco-reco, atabaque e agogô), relacionando-se constantemente uns com os outros.

Em Maceió a capoeira já descobriu sua maior utilidade que é a de participar no processo de “formação para a cidadania”, trabalhando com pessoas de várias classes sociais: pessoas de todas as idades, menores na rua, portadores de necessidades especiais.

Brasileiros e estrangeiros, todos aprendem um pouco a história da nossa terra, nossas raízes, a geografia do nosso estado E isso ocorre num espaço lúdico, numa formação em que se joga, se diverte e se aprende cidadania e orgulho da nossa terra e das nossas origens, raízes multiculturais, sobretudo afro-brasileiras através dos cantos, da música e da nossa história.

Na capoeira temos uma ética que é a ética mestiça, ética de uma criatividade promotora do humano. Ética que vindo do passado, esboça-se no presente e num processo de alteridade, traça os perfis de um futuro em que não mais o homem “faber”, mas o humano “lúdico, lúcido e responsável”, promotor de uma “vida libertadora e criativa”.

## NOTAS DE RODAPÉ

<sup>1</sup> Sergio da Costa Borba (Prof. da UFAL/CEDU e praticante de capoeira).

<sup>2</sup> Marco Antonio Santos da Silva (Mestrando em Educação na UFAL e Contra-Mestre de Capoeira).

<sup>1</sup> O professor de capoeira Denis disse-nos: “Comecei a treinar capoeira aos 18 anos, quando comecei a trabalhar e pude pagar a academia. Tenho certeza que se treinasse capoeira na infância, seria mais centrado”.

<sup>2</sup> Mestre Pastinha in “Capoeira Angola”, 3ª ed., Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

<sup>3</sup> O professor de capoeira Devagar, assim expressou-se: “Meu pai inicialmente não queria que eu fizesse capoeira. mas eu fazia capoeira, estudava, trabalhava, constitui família. E finalmente meu pai, dizia com orgulho, aos amigos: Esse é meu filho, professor de capoeira!”.

<sup>4</sup> Ver , a esse propósito, Nestor capoeira, “ O pequeno manual do jogador de capoeira”.São Paulo, Ed. Ground Ltda, 1981.

<sup>5</sup> Ver Borba, Sergio da Costa “ A complexa arte da avaliação”, Maceió, EDUFAL, 2003.

<sup>6</sup> Ribeiro Darcy (1922-1997), participam, Oscar Niemeyer... et al. , “ Mestiço é que é Bom”. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

<sup>7</sup> Ver Carneiro, Édison. “Capoeira”. Col. Folclore, Departamento de assuntos culturais. Rio de Janeiro, MEC, 1977.

<sup>8</sup> Mestre Pastinha, 1988.